

A circulação de conhecimento entre Portugal e os países de expressão alemã nos séculos XV e XVI

Gerald Bär
Universidade Aberta de Portugal

Resenha de

HORST, Thomas; LOPES, Marília dos Santos; LEITÃO, Henrique (Eds.). *Renaissance Craftsmen and Humanistic Scholars: circulation of knowledge between portugal and germany*. Berna: Peter Lang, 2017. v. 10. (Serie Passagem: Estudos em Ciências Culturais). Disponível em: <<https://www.peterlang.com/view/serial/PASS>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

Editado por Marília dos Santos Lopes e Peter Hanenberg, a serie passagem da editora Peter Lang oferece novas perspectivas e abordagens, relacionando as áreas científicas da Germanística, Romanística, Literaturas Comparadas e História. As Ciências Cognitivas entram em diálogo com tópicos clássicos de estudos sobre a cultura, analisando aspetos de *transfer* e mudança cultural e na literatura. A qualidade das obras, publicadas em inglês, português e alemão, é salvaguardada por ambos os editores e por revisores externos.

O volume 10 desta serie nasceu de um *workshop* interdisciplinar que teve lugar em Lisboa, na Biblioteca Nacional (20-21 de novembro de 2014) e é dedicado à circulação de conhecimentos científicos, técnicos e, em geral, culturais, entre Portugal e a Alemanha, nos séculos XV e XVI. Consiste em 12 contributos, sete dos quais escritos em inglês e cinco em alemão. A obra é um estudo das relações entre Portugal e os países e principados de expressão alemã, mostrando o *transfer* dos conhecimentos através de viagens de pessoas, artefactos e animais, seguindo as antigas rotas comerciais e no continente Europeu, mas também as ligações para África e o Novo Mundo. Sem dúvida, esta abordagem interdisciplinar reúne aspetos políticos, económicos, tecnológicos, biológicos, artísticos, literários que, na sua complementaridade, são peças de um *puzzle* (ainda com muitas incógnitas) de um complexo fenómeno histórico. Os “Renaissance Craftsmen and Humanistic Scholars” em foco, como Martin Behaim, Hieronymus Münzer, Valentim Fernandes e Leonhard Thurneysser zum Thurn, entre outros, fizeram parte de uma rede que revela ainda um fator essencial, nomeadamente as relações entre monarcas e comerciantes, como afirma Thomas Horst:

[...] most historians agree that the marriage of Infanta Leonor with the Holy Roman Emperor Friedrich III in the middle of the fifteenth century and the permanent presence of South German trading companies can be seen as a starting point of more intensive connections with the western part of Europe (p. 18).

Na sua apresentação introdutória, Horst recomenda trabalhos relevantes dos seguintes historiadores como introdução à temática: Kellenbenz (1968, 1970, 1990), Ehrhardt (1989), Lopes (1998). Além disso, refere os vinte volumes publicados no âmbito de “Portugiesische Forschungen der Görres-Gesellschaft” (1960-1993), que forneceram abundante material para pesquisas mais aprofundadas.

O contributo de Thorsten Arnold sublinha o trabalho fundamental do historiador-economista alemão Hermann Kellenbenz (1913-1990) para os estudos transnacionais sobre as relações económicas entre Portugal e Alemanha. Focaliza as atividades das companhias de famílias sediadas em Nuremberga e Augsburg (Ehinger, Fugger, Herwart, Höchstetter, Imhoff e Welser), mas também os contactos entre Hamburgo (Hansa) e Portugal continental, Madeira e Açores.

Jürgen Pohle (p. 57) considera Nuremberga como ponto de partida para uma ocupação intelectual mais intensa com os descobrimentos portugueses. No final do século XV, que o autor identifica com a primeira época de globalização (“first age of globalization”), foi de facto, a expansão ultramarina portuguesa que determinou o interesse alemão nas relações políticas, económicas e culturais com Portugal. Segundo Pohle, a recepção dos descobrimentos foi influenciada pelas informações do comerciante Martin Behaim que após a sua estada em Portugal entre 1484 e 1490, regressou a Nuremberga, onde deixou notícias cujo impacto se revelou notável em três importantes obras: num globo terrestre, no capítulo “Portugalia” da *Cronicae mundi* de Hartmann Schedel e na carta em latim de Hieronymus Münzer a Dom João II, datada de 14 de julho de 1493. No globo de Behaim destacam-se as regiões onde existem colheita e comércio com especiarias. Esta característica leva à conclusão que Behaim tinha tentado convencer os comerciantes de Nuremberga a participarem nos negócios do ultramar (POHLE, p. 61). Embora os méritos de Behaim nos descobrimentos tenham sido contestados por vários historiadores desde Ravenstein (1908), a sua função como mediador cultural foi relevante. Além destes aspetos, a política de poder e questões de sucessão criaram o pano de fundo deste tempo. D. Leonor, sendo a mãe portuguesa de Maximiliano I do Sacro Império Romano-Germânico, foi certamente um importante fator pelo crescente interesse deste monarca nas relações com Portugal, que em 1494 resultou numa aliança com D. João II: os denominados “Capitulos de Pazes” prometeram mutuamente eterna amizade e aliança em caso de guerra. A carta de Münzer a Dom João II contém um convite em nome de Maximiliano I para organizar em conjunto uma expedição naval ao longo da costa oriental da Ásia até Cathay. No entanto, o intencionado financiamento deste empreendimento não teve grande sucesso, uma vez que os contributos dos comerciantes abordados, nomeadamente dos

Fugger e Gossembrot de Augsburg, foram negligenciáveis. Mesmo assim, estas e outras famílias alemãs dedicadas ao comércio apostaram em delegações permanentes em Lisboa; os respetivos privilégios reais foram concedidos na primeira década do século XV.

Baseado na abordagem de Peter Burke (2000), Marília dos Santos Lopes sublinha a posição estratégica de Lisboa para a importação de conhecimento:

Given its location and central role in the process of the expansion of European geographic knowledge and in the opening to a whole new world overseas, Lisbon proves to be an important station, both in the production and in the dissemination and propagation of information concerning the new outlines of the world, its peoples and nature, contributing to an increasing global database (LOPES, p. 73).

Um bom exemplo para o desenvolvimento de instrumentos adequados deste *knowledge transfer*, que consiste sobretudo em textos e imagens, é a cartografia portuguesa. Como comprovam os mapas na posse da família Reinel (ca. 1485), a nova informação sobre a linea/linha costeira da África do norte e oeste foi rapidamente adaptada aos progressos feitos no tempo do Infante Henrique. Para ilustrar o processo de integração desta nova informação na vida quotidiana portuguesa, Lopes refere o quadro do pintor Vasco Fernandes (Grão Vasco) *Adoração dos Reis Magos*, feito entre 1501 e 1506. Na sua esplêndida composição que reúne várias linguagens iconográficas, aparecem pela primeira vez os atributos e características do índio brasileiro.

Lopes também analisa o processo do *transfer* dos conhecimentos para os países de língua alemã, comparando comentários de tradutores de textos que descrevem África e os “novos mundos” (Jobst Ruchamer [1508] e os tradutores alemães das obras de Francisco Álvares e Fernão Lopes Castanheda). Relativamente à cartografia, menciona as obras de Martin Waldseemüller (1516), Laurentius Frisius (1527) e Johannes Schöner (1533), colocando e respondendo à pertinente questão de como os autores do século XVI inseriram e adaptaram os novos dados ao contexto histórico tradicional. As observações e experiências dos viajantes não foram imediatamente incluídas no sistema geográfico em vigor:

Ptolemy, Pliny, Pomponius Mela would continue to dominate the order of knowledge. The authors of classical antiquity, the foundation of knowledge both with respect to the formation of the world and to the particular knowledge concerning each of its regions, build a first and indubitable level of knowledge. Only the resilience of inherited knowledge can explain why the newly discovered lands were considered as an “extra-Ptolemaic world”, such as defined by the German cosmographies in the first decades of the sixteenth century (LOPES, p. 83).

A abordagem do estudo de Yvonne Hendrich complementa o de Marília dos Santos Lopes no sentido de fornecer mais informação sobre o *network* entre comerciantes, eruditos e artistas em cujo centro a autora localiza o multifacetado e bilingue Valentim Fernandes, oriundo da

Morávia. Valentim Fernandes fixou-se em Lisboa em 1495, onde residiu e trabalhou durante 23 anos, destacando-se como tipógrafo, editor, tradutor, corretor e tabelião. Hendrich analisa a sua correspondência com o jurista, político e conselheiro de Maximiliano I, Konrad Peutinger, com o comerciante Stephan Gabler e outros cultos cidadãos de Nuremberga. As suas cartas, escritas em alemão e latim revelam fontes de informação de natureza geoestratégica, económica e etnográfica. Embora sem fontes concretas, Hendrich sugere que as descrições do rinoceronte, presente oferecido a Dom Manuel I em 1514 pelo governante da Cambaia, e famoso pelas imagens de Dürer, tenham chegado ao artista alemão através desta rede, possivelmente via Gabler ou Pirckheimer. Interessado na expansão marítima portuguesa, Valentim Fernandes tornou-se um colecionador de relatórios manuscritos de viagens feitas por marinheiros e navegadores durante a primeira década do século XVI:

E porque tenho esprito muytas cousas destas ilhas e sua gente e de seus costumes y ydolatrias antes que fossem conquistadas pellos christãos por yssso quero ho aqui poer nom perder meu trabalho e nom menos os lentes folgarem de ouujir (*Códice Valentim Fernandes*, 1997: 123; *cit. in* Hendrich, p. 109).

Concluindo, Hendrich salienta que além da apropriação cultural-material houve também uma construção iconográfica dos “novos mundos” pelos Europeus. A recepção do exótico implica uma relação dicotómica do próprio e do estranho, de identidade e de alteridade que iria marcar decisivamente os estereótipos na percepção coletiva europeia.

Outro sábio renascentista, destacado por três contributos neste volume 10 da serie Passagem, é o suíço Leonhard Thurneysser zum Thurn. Esse “Wunderman” poliglota notabilizou-se, de facto, em vários campos, como na alquimia, na botânica, na mineralogia, na astrologia, na matemática e na tipografia, mas foi sobretudo o médico do príncipe-eleitor João Jorge de Brandemburgo que conseguiu curar a sua esposa. Gabriele Kaiser apresenta dados biográficos deste homem que possuiu a primeira tipografia de Berlim, o primeiro gabinete científico de Brandemburgo, um jardim botânico e um jardim zoológico com animais exóticos. A autora chama atenção para a sua viagem a Portugal (provavelmente em 1555), para uma carta, datada de 1.º de janeiro de 1582, que este recebeu de Lisboa (o autor, Hans Harttman Hyrus, pretende contar-lhe as suas viagens) e para um manuscrito sobre a flora e fauna portuguesas que se encontram entre os mais de vinte volumes, legado de Thurneysser, na Biblioteca Estatal de Berlim. Thomas Horst debruça-se sobre o manuscrito de Thurneysser (Ms. Germ. Fol. 97), que, segundo as suas próprias afirmações, ficou instalado em casa de Damião de Gois durante a sua estadia em Lisboa entre 1555 e 1556. Além das valiosas informações sobre numerosas plantas e animais, Horst considera o terceiro capítulo da parte sobre Portugal o mais interessante: “[Thurneysser] gives also a detailed description of the black people he had probably seen on the *Rua Nova dos Marcadores* [*sic*] in Lisbon.” No entanto, chega à conclusão que o autor suíço não permaneceu mais do que dez semanas em Portugal, ex-

pressando dúvidas sobre uma alegada segunda viagem na Península Ibérica que, segundo alguns dos seus biógrafos, teria realizado em 1561. Também o contributo de Yves Schumacher incide na personagem controversa de Thurneysser, chamando a atenção para a Basileia no século XVI, uma das cidades mais liberais da Europa e refúgio dos humanistas e alquimistas.

Para Annemarie Jordan Gschwend, a Rua Nova dos Mercadores da Lisboa renascentista é a Fifth Avenue ou a Bond Street da sua época, onde bens de luxo, animais, plantas e minerais exóticos eram comprados e vendidos. Foi um dos locais onde colecionadores da realeza e nobreza europeias adquiriram preciosidades através de intermediários competentes e da sua confiança (embaixadores, comerciantes etc.). Neste centro financeiro junto à bolsa, reputados comerciantes alemães, italianos e flamengos instalaram as suas sedes e escritórios:

[...] the trading families and employees of the Welser, Fugger, Imhof, Herwart, Affaitaidi, Rovalesco and Giraldi. Eleven booksellers and nine apothecaries selling drugs and spices from Portuguese Asia were counted here in a 1552 census, and by 1580 six shops alone specialized in selling Chinese blue and white Ming porcelain imported from Macau and Malacca (GSCHWEND, p. 189).

Gschwend destaca as atividades de Anthonio Meyting (“Artistic Agent, Cultural Intermediary and Diplomat”) que o fazem uma figura interessante na rede de *transfer* de matérias e conhecimentos. Oriundo de Augsburg, Meyting obteve uma boa educação e chegou à corte em Valladolid, onde serviu como tradutor, ganhando o respeito de Filipe II. Viajava para Lisboa, utilizando os seus contatos com comerciantes para fornecer objetos preciosos para a *Kunstkammer* do Duque Albrecht V de Baviera (primo de Filipe II).

No seu contributo complementar, Samuel Gessner tenta reconstruir o percurso de um globo celestial, elaborado por Christof Schissler em 1575, de Augsburg para a coleção da casa real em Portugal.

O último estudo do volume é de Wolfgang Köberer, que analisa o *transfer* alemão – português na área das ciências náuticas durante o século XVI, chegando à conclusão que as participações e os contributos alemães para os descobrimentos portugueses foram meramente marginais. O “mito de Behaim” tendo sido já desmentido no início do século XX. Por outro lado constata: “[...] an influence of the advanced knowledge in navigational matters amassed in Portugal since the end of the fifteenth century in general cannot be discovered in the nautical literature of the German territories or the Renaissance and later” (Köberer, p. 227). Para Köberer, o impacto cultural principal reside no trabalho dos impressores Valentim Fernandes, Herman de Campos e Jacob Cromberger, que publicaram os primeiros manuais de navegação e relatos dos descobrimentos.

Como Thomas Hack refere, a pesquisa de contatos entre Portugal e o Reino Alemão em meados do século XV depende muitas vezes do acaso, como a descoberta de manuscritos etc., mas a sistematização destes achados através de abordagens interdisciplinares é uma tarefa muito

bem conseguida pelos editores deste 10º volume da serie Passagem. Como vimos, a sua publicação fornece dados valiosos que podem servir como base para trabalhos de diversas áreas científicas, da História à Literatura Comparada, da Economia à Política, da Biologia à Náutica.

Sobretudo as abordagens de Marília dos Santos Lopes, Yvonne Hendrich e Annemarie Jordan Gschwend convencem: o desejo de ver as maravilhas dos novos mundos com os próprios olhos, os colecionadores e os intermediários, a tentativa de reconstruir a “vida”, ou melhor, a viagem de objetos estimados da Alemanha para Lisboa e vice-versa abrem novos horizontes e campos de pesquisa para investigadores. O facto de o nível de proficiência em inglês não ser igual em todos os contributos da obra não impede a sua agradável leitura. Notável é a vasta bibliografia fornecida por alguns dos autores no final dos seus estudos (sobretudo Horst: 21 páginas de texto; 20 páginas de bibliografia). Infelizmente há sobreposições de títulos, inevitável quando vários autores apresentam aspetos do mesmo tema. No entanto, no caso de Thurneysser, o terceiro contributo de Yves Schumacher parece algo redundante.

Todavia, o objetivo da publicação, ou seja, o estudo das relações entre Portugal e os países de expressão alemã nos séculos XV e XVI, nomeadamente o fenómeno complexo da circulação e *transfer* de conhecimento através de percursos de artefactos e pessoas de várias classes sociais, foi plenamente atingido.